

Meu coração recorda ao ver-te assim,  
quando os amenos ventos ondulavam  
os teus cabelos negros que encimavam  
a testa sábia e lisa tal cetim;

Quando em teu rosto suave de delím,  
dois olhos de condor audaz lançavam  
pelos céus além, os sonhos que sonhavam,  
jovens e ousados nos ideais sem fim.

Mas se as marés da vida te enrugaram  
a lisa tez; cabelos te roubaram;  
e sonhos ruíram nesse olhar cansado...

Meu coração revê-te, deslumbrado,  
pela sapiência que emergiu florida  
da murcha flor-beleza em despedida...

Carlos Vasconcelos, Marés da vida.

Bom dia! pé de bugre e aroeira!  
Cumprimento essas árvores nativas,  
qual se fossem a ausente companheira,  
de minha infância das imagens vivas...

Aquela que deixou-me, de maneira  
tão bruscamente, em horas aflitivas,  
hoje, surge-me à mente toda inteira,  
para trazer-me flores sempre-vivas...

Busquei não recordá-la e foi em vão  
meu intento sincero e imorredouro,  
querendo sepultar essa ilusão...

Depois fiquei sabendo que partiu,  
sem saber que pra mim era um tesouro  
e nem que me deixava este vazio...

Ialmar Pio Schneider, Lembrança antiga.

Eis que de novo chega o Carnaval  
para trazer, talvez, muita alegria,  
às multidões que sofrem de algum mal  
e podem ingressar na fantasia...

Vivem momentos só de alegoria,  
num transe enfático, sensacional,  
e buscando, num passe de magia,  
aliviar o desejo sensual...

Cantam e dançam, plenos de calor,  
demonstrando a maior felicidade,  
neste evento de cálida paixão...

Por toda a parte a Festa do Esplendor  
penetra os corações, e na igualdade,  
congregando os cultores da Ilusão!

Ialmar Pio Schneider, Carnaval.

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVIII, Nº 11 – 2014 NOVEMBRO

Assinatura até 31.12.15: 13 selos postais  
de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,85).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haiku.sf.nom.br ☀

La luna va por el agua.  
¡Como está el cielo tranquilo!  
Va segando lentamente  
el temblor viejo del río  
mientras que una rama joven  
la toma por espejito.

García Lorca, Obra poética completa: Cancões, Media luna,  
Martins Fontes, 1999/ Gentileza de Gérson Levi Mendes

Chuva de Versos 262 – universosdeversos@gmail.com;  
http://universosdeversos.blogspot.com.br/2014/07/jose-feldman-chuva-de-versos-n190.html

Quantas vezes fenecemos,  
numa estrada colorida;  
outras vezes renascemos,  
das tempestades da vida...

Dina Marchetti Abad, 1112 A Voz  
da Poesia: Rua dos Bogaris 183  
04047-020 – São Paulo/SP

Sou como a rosa colhida  
para um vão e um breve fim:  
enfeito e perfume a vida  
de quem me nega o jardim.

Divenei Boseli,  
Chuva de Versos 262  
universosdeversos@gmail.com

A cor da felicidade  
tem seu mais forte matiz  
quando há prazer de verdade  
em ver o outro feliz!

Francisco José Pessoa, 1410  
Trinos  
do Pitiguari: Rua Guanabara 542

Enfrenta o mundo sem medo  
mas a ofensa não respondas:  
– morre de encontro ao rochedo  
a fúria insana das ondas.

Larissa Loretini, 0711 Trovaregre  
Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301  
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Ideal bem aplicado,  
hoje, exemplo de derrota,  
foi do nobre hoje finado,  
Fernão Capelo Gaivota...

Manoel F. Menendez

No Brasil, fato imoral,  
que ao povo, causa revolta;  
quando é rico, o marginal,  
a Justiça vai e solta...

Pedro Grilo, 1112  
O Patusco: Caixa Postal 95  
61600-970 – Caucaia/CE

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

## SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.11.14, enviar até 3 haicus de quigos Arco-íris, Carnaval de rua, Dama-da-noite.

Até o dia 30.12.14, enviar até 3 haicus de quigos Águas de março, Caqui, Libélula.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap. 82.

05010-040 - São Paulo, SP.

ou mfmendez@superig.com.br



### QUIDAIAS DE PRIMAVERA

Bico longo e fino  
beija-flor sempre ligeiro  
vai sugando as flores.

Alda Corrêa Mendes Moreira

Meu olhar avista  
escuridão pelo espaço.  
Céu pleno de nevoa.

Analice Feitoza de Lima

Primavera chegou.  
No ar o cheiro de flores.  
Pereira floresceu.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Ramos da pereira  
exibem flores mimosas  
apontando o céu.

Elen de Novais Felix

### TEMAS DE PRIMAVERA

Lá no parque,  
o tié-preto repousa  
no ninho.

Flávio Ferreira

Nas águas rasas  
os peixes em frenesi.  
Río de primavera.

Sérgio Francisco Pichorim

Cerejeira em flor  
no Japão é sakura.  
Chegou a primavera!

Nadyr Leme Ganzert

## HAICUS BRASILE IROS EM FOLHA



No jardim do outono  
flor de goiabeira cai  
perfumando o chão. B

Alba Christina

Balançam, nos galhos,  
as flores de goiabeira.  
Brisa perfumada... A

Amália Marie Gerda

Nem frio ou calor  
passo bom e agradável  
no dia tépido. J

Alba Christina

No pomar, o vento,  
com flores de goiabeira,  
atapeta o chão. E

Amália Marie Gerda

Sob a casuarina  
descansam cachorro e dono.  
Proteção a amigos.

Alba Christina

Espalhando cores,  
corre o rio de primavera,  
leve e impetuoso...

Amália Marie Gerda

No vento suave  
cinamomos espalham  
cheiro de canela.

Alba Christina

Desafiadora  
a pandorga corta os céus,  
devorando o vento.

Amália Marie Gerda

Filhote de gato  
sugando as mamas da gata,  
dorme como uma anjo.

Amália Marie Gerda

Criança na fila.  
Dia da Alfabetização.  
Recebem cartilhas. B

Angélica Villela Santos

O sol aparece,  
anunciando um dia tépido  
com praias lotadas. B

Angélica Villela Santos

Da flor pereira  
um conjunto de pistilos  
aponta pro céu.

Angélica Villela Santos

Abelhas voejam,  
num tremendo zum-zum-zum:  
flor de goiabeira. E

Antonio Cabral

Muito belo, Dia  
da Alfabetização:  
fila de crianças. J

Antonio Cabral

Pássaros em bando  
trinam à flor de goiaba  
deixam no ar ecoando. J

Fernando Soares

Num roçado vara  
a noite em bando roedora  
baita capivara.

Fernando Soares

Explosões de branco  
em nebuloso verde;  
flor de goiabeira. E

Manoel F. Menendez

O lugar, lotado:  
Dia da Alfabetização;  
na sala, discursos. J

Manoel F. Menendez

Sob os barcos  
a água calma.  
Dia tépido. J

Manoel F. Menendez

Suavemente  
vão surgindo cores.  
Arco-íris vernal.

Manoel F. Menendez

Sai de baixo  
que lá vem  
chuva de jaju.

Manoel F. Menendez

Em busca do verde,  
vão seguindo as capivaras.  
Cruzam o rio.

Manoel F. Menendez

Carro estacionado,  
uma toalha estendida.  
Copos, piquenique.

Manoel F. Menendez

Miado insistente  
de um preto e branco gatinho.  
Mamadeira morna.

Manoel F. Menendez

Flor de goiabeira  
na árvore atrás do muro  
cai sobre a calçada. B

Renata Paccola

Festa no Mobral  
em quatorze de novembro.  
Leitores a mais. E

Renata Paccola

Mulher solitária  
aproveita o dia tépido  
para lavar roupas. J

Renata Paccola

Aragem na rua  
levanta as folhas caídas.  
Voo circular.

Renata Paccola

B R Á S , B E X I G A E B A R R A F U N D A

Alcântara Machado – Objetivo (São Paulo), Sol Editora – www.estantevirtual.com.br

GAETANINHO

– Xi, Gaetaninho, como é bom!

Gaetaninho ficou banzando bem no meio da rua. O Ford ficou o derrubou e ele não viu o Ford. O carroceiro disse um palavrão e ele não ouviu o palavrão.

– Eh! Gaetaninho! Vem pra dentro.

Grito materno sim: até filho surdo escuta. Virou o rosto tão feio de sardento, viu a mãe e viu o chinelo.

– Súbito!

Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno. Diante da mãe e do chinelo parou. Balançou corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar a direita. Mas deu meia volta instantânea e varou pela esquerda porta adentro.

Eta salame de mestre!

Ali na Rua Oriente a ralé quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em dia de enterro. De enterro ou de casamento. Por isso mesmo o sonho de Gaetaninho era de realização muito difícil. Um sonho.

O Beppino por exemplo. O Beppino naquela tarde atravessara de carro a cidade. Mas como? Atrás da Tita Peronetta que se mudava para o Araújo. Assim também não era vantagem. Mas se era o único meio? Paciência.

Gaetaninho enfiou a cabeça embaixo do travessão.

Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a Tia Filomena para o cemitério. Depois o padre. Depois o

Savério noivo dela de lenço nos olhos. Depois ele. Na boleia do carro. Ao lado do cocheiro. Com a roupa marinheira e o gorro branco onde se lia: ENCOURAÇADO SÃO PAULO. Não. Ficava mais bonito de roupa marinheira mas com a palhetinha nova que o irmão lhe trouxera da fábrica. E ligas pretas segurando as meias. Que beleza, rapaz! Dentro do carro o pai, os dois irmãos mais velhos (um de gravata vermelha, outro de gravata verde) e o padrinho Seu Salomone. Muita gente nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes, vendo o enterro. Sobretudo admirando o Gaetaninho.

Mas Gaetaninho ainda não estava satisfeito. Queria ir carregando o chicote. O desgraçado do cocheiro não queria deixar. Nem por um instantinho só.

Gaetaninho ia berrar mas a Tia Filomena com

a mania de cantar o “Ai, Mari!” todas as manhãs o acordou.

Primeiro ficou desapontado. Depois quase chorou de ódio.

Tia Filomena teve um ataque de nervos quando soube do sonho de Gaetaninho. Tão forte que ele sentiu remorsos. E para sossego da família alarmada com o agouro tratou logo de substituir a tia por outra pessoa numa nova versão de seu sonho. Matutou, matutou, e escolheu o acendedor da Companhia de Gás, Seu Rubino, que uma vez lhe deu um coque.

Os irmãos (esses) quando souberam da história resolveram arriscar de sociedade quinzentão no elefante. Deu a vaca. E eles ficaram loucos de raiva por não terem logo adivinhado que não podia deixar de dar a

mesmo.

O jogo na calçada parecia de vida ou morte. Muito embora Gaetaninho não estava ligando. – Você conhecia o pai do Afonso, Beppino? – Meu pai deu uma vez na cara dele. – Então você não vai amanhã no enterro. Eu vou!

O Vicente protestou indignado: – Assim não jogo mais! O Gaetaninho está atrapalhando!

Gaetaninho voltou para o seu posto de guardião. Tão cheio de responsabilidades.

O Nino veio correndo com a bolinha de meia. Chegou bem perto. Com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas, Gaetaninho ficou pronto para a defesa.

– Passa pro Beppino!  
Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu o guardião sardento e foi parar no meio da rua.

– Vá dar tiro no inferno!  
– Cala a boca, palestrino!  
– Traga a bola!  
Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou. No bonde vinha o pai do Gaetaninho.

A gurizada assustada espalhou a notícia na noite.

– Sabe o Gaetaninho?  
– Que é que tem?  
– Amassou o bonde!  
A vizinhança limpou com benzina suas roupas domingueiras.

Às dezesseis horas do dia seguinte saiu um enterro da Rua do Oriente e Gaetaninho não ia na boleia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha.

Quem na boleia de um dos carros do cortejo mirim exibia soberbo terno vermelho que feria a vista da gente era o Beppino.

## L I S E T T A

Quando Lisetta subiu no bonde (o condutor ajudou) viu logo o urso. Felpudo, felpudo. E amarelo. Tão engraçadinho.

Dona Mariana sentou-se, colocou a filha em pé diante dela.

Lisetta começou a namorar o bicho. Pôs o pirulito de abacaxi na boca. Pôs mas não chupou. Olhava o urso. O urso não ligava. Seus olhinhos de vidro não diziam absolutamente nada. No colo da menina de pulseira de ouro e meias de seda parecia um urso importante e feliz.

– Olha o ursinho que lindo, mamãe!  
– Stai zitta!

A menina rica viu o enlevo e a inveja da Lisetta. E deu de brincar com o urso. Mexeu-lhe com o toquinho do rabo: e a cabeça do bicho virou para a esquerda, depois para a direita, olhou para cima, depois para baixo. Lisetta acompanhava a manobra. Sorrindo

fascinada. E com ardor nos olhos! O pirulito perdeu definitivamente toda a importância.

Agora são as pernas que sobem e descem, cumprimentam, se cruzam, batem umas nas outras.

– As patas também mexem, mamãe. Olha lá!  
– Stai ferma!

Lisetta sentia um desejo louco de tocar no ursinho. Jeitosamente procurou alcançá-lo. A menina rica percebeu, encarou a coitada com raiva, fez um careta horrível e apertou contra o peito o bichinho que custara cinquenta mil-réis na Casa São Nicolau.

Deixa pegar um pouquinho, um pouquinho só nele, deixa?

– Ah!  
– Scusi, senhora. Desulpe por favor. A senhora sabe, essas crianças são muito levadas. Scusi. Desculpe.

A mãe da menina rica não respondeu. Ajeitou o chapuzinho da filha, sorriu para o bicho, fez uma carícia na cabeça dele, abriu a bolsa e olhou o espelho.

Dona Mariana, escarlate de vergonha, murmurou no ouvido da filha.

– In casa me lo pagherai!  
E pespegou por conta um beliscão no bracinho magro. Um beliscão daqueles.

Lisetta então perdeu toda copostura de uma vez. Chorou. Soluçou. Chorou. Soluçou. Falando sempre,

Hã! Hã! Hã! Hã! Eu que... ro o ur... so! O ur... so! Ai, mamãe! Ai, mamãe! Eu que... ro o... o... o... Hã! Hã!

– Stai ferma o ti amazzo, parola d'onore!  
– Um pou... qui... nho só! Hã! E... hã! E... hã! Um pou... qui...

– Senti, Lisetta. Non ti porterò più in città! Mai piú!

Um escândalo. E logo no banco da frente. O bonde inteiro testemunhou o feio que Lisetta fez.

O urso recomeçou a mexer com a cabeça. Da esquerda para a direita, para cima e para baixo.

– Non piangere più adesso!  
Impossível.

O urso lá se fora nos braços da dona. E a dona só de má antes de entrar no palacete estilo empreiteiro português voltou-se e agitou no ar o bichinho. Para Lisetta ver. E Lisetta viu.

Dem-dem! O bonde deu um solavanco, sacudiu os passageiros, deslizou, rolou, seguiu. Dem-dem!

– Olha à direita!  
Lisetta como compensação quis sentar-se no banco. Dona Mariana (havia pago uma passagem só) opôs-se com energia e outro beliscão.

A entrada de Lisetta em casa marcou época na história dramática da família Garbone.

Logo na porta um safanão. Depois um tabefe. Outro no corredor. Intervalo de dois minutos. Foi então a vez das chineladas. Para remate. Que não acabava mais.

O resto da gurizada (narizes escorrendo, pernas arranhadas, suspensórios de barbante) reunidos na sala de jantar sapeava de longe.

“Na Idade da Pedra, a vida era mais dura!”

## O J O V E M C A S A L

nojo se encolhia a um canto ou saía para o corredor – ele, com repugnância, ia matar a barata; depois, com mais desgosto ainda, jogá-la fora.

E havia as pulgas; havia a falta d'água, e quando havia água, a fila dos hóspedes diante da porta do chuveiro. Havia as instalações que cheiravam mal, o papel da parede amarelado e feio. As duas velhas gordas, pintadas, na mesinha ao lado, lhe tiravam o apetite para a mesquinha comida da pensão. Toda a tristeza, toda a mediocridade, toda a feiúra duma vida estreita, onde o mau gosto pretencioso da classe média se juntava à minuciosa ganância comercial – um simples ovo era “extraordinário”. Quando eles pediam dois ovos, a dona da pensão olhava com raiva; estavam atrasados no pagamento.

Passou um ônibus, parou logo adiante, abriu com ruído a porta, num grande suspiro de ar comprimido, e ela nem sequer olhou o ônibus,

Mas o Ugo chegou da oficina.

– Você assim machuca a menina, mamãe! Coitadinha dela!

Também Lisetta já não aguentava mais.

– Toma pra você. Mas não escache.  
Lisetta deu um pulo de contente. Pequerrucho. Pequerrucho e de lata. Do tamanho de um passarinho. Mas urso.

Os irmãos chegaram-se para admirar. O Pasqualino quis logo pegar no bichinho. Quis mesmo tomá-lo à força. Lisetta berrou como uma desesperada:

– Ele é meu! O Ugo me deu!  
Correm para o quarto. Fechou-se por dentro.

## O MONSTRO DE RODAS

Nino apareceu na porta. Teve um arrepio. Levantou a gola do paletó.

– Ei, Pepino! Escuta só o frió!

Na sala discutiam agora a hora do enterro. A Aida achava que de tarde ficava melhor. Era mais bonito. Com o filho dormindo no colo Dona Mariângela achava também. A fumaça do cachimbo do marido ia dançar bem em cima do caixão.

– Ai, Nossa Senhora! Ai, Nossa Senhora!  
Dona Nunzia descabelada enfiava o lenço na boca.

– Ai, Nossa Senhora! Ai, Nossa Senhora!

Sentada no chão a mulata oferecia o copo de água de flor de laranjeira.

– Leva ela pra dentro!  
– Não! Eu não quero! Eu... não... quero!...

Mas o marido e o irmão a arrancaram da cadeira e ela foi gritando para o quarto. Enxugaram-se lágrimas de dó.

– Coitada da Dona Nunzia!

A negra de sandália sem meia principiou a segunda volta do terço.

– Ave Maria, cheia de graça, o Senhor...

Carrocinhas de padeiro derrapavam nos paralelepípedos da Rua Sousa Lima. Passavam cestas para a feira do Largo do Arouche. Garoava na madrigada roxa.

– ...da nossa morte. Amém. Padre Nosso que estais no Céu...

O soldado espiou da porta. Seu Chiarini começou a roncar muito forte. Um bocejo. Dois bocejos. Três, Quatro.

– ...de todo o mal. Amém.

A Aida levantou-se e foi espantar as moscas do rosto do anjinho.

Cinco. Seis.  
O violão e a flauta recolhendo de farras emudeceram respeitosamente na calçada.

Na sala de jantar Pepino bebia cerveja em companhia do Americo Zamponi (SALÃO PALESTRA ITÁLIA – Engraxa-se na perfeição a 200 réis) e o Tibúrcio... (– o Tibúrcio... – O mulato? – Quem mais há de ser?).

– Quero só ver daqui a pouco a notícia do Fanfulla. Deve cascar o almofadinha.

– Xi, Pepino! Você é ainda muito criança. Tu é ingênuo, rapaz. Não conhece a podridão da

perto deles, diante do sinal fechado. Lá dentro havia um casal, um sujeito de ar importante na direção e sua mulhezinha meio gorducha, muito clara. A mulhezinha deu um rápido olhar ao rapaz e olhou com mias vagar a moça, correndo os olhos da cabeça até os sapatos, enquanto o homem dizia alguma coisa a respeito de um anel. No momento do carro partir com um arranco macio ouviram que a mulher dizia: “se ele deixar por quinze, eu fico.”

Quinze contos – isto entrou pelos ouvidos do rapaz, parece que foi bater, como um soco, em seu estomago mal alimentado – quinze contos, meses e meses, anos de pensão! Então olhou sua mulher e achou-a tão linda e triste com sua blusinha branca, tão fragil, tão jovem e tão querida, que sentiu os olhos arderem de vontade de chorar. Disse: “Viu aquela vaca dizendo que vai comprar o anel de quinze contos?”

Vinha o bonde.

nossa imprensa. Que o quê, meu nego. Filho de rico manda nesta terra que nem a Light. Pode matar sem medo. É ou não é, Seu Zamponi?

Seu Américo Zamponi soltou um palavrão, cuspiu, soltou outro palavrão, bebeu, soltou mais outro palavrão, cuspiu.

– É isso mesmo, Seu Zamponi, é isso mesmo.

O caixãozinho cor-de-rosa com listas prateadas (Dona Nunzia gritava) surgiu diante dos olhos assanhados da vizinhança reunida na calçada (a molecada pulava) nas mãos da Aida, da Josefina, da Margarida e da Linda.

– Não precisa ir depressa para as moças não ficarem escangalhadas.

A Josefina na mão livre sustentava um ramo de flores. Do outro lado a Linda tinha a sombrinha verde aberta. Vestidos engomados, armados, um branco, um amarelo, um creme um azul. O enterro seguiu.

O pessoal feminino da reserva carregava dália e palmas-de-são-josé. E na calçada os homens caminhavam descobertos.

O Nino quis fechar com o Pepino uma aposta de quinhentos.

– A gente vai contando os trouxas que tiram o chapéu até a gente chegar no Araçá. Mais de cinquenta você ganha. Menos, eu.

Mas o Pepino não quis. E pegaram uma discussão sobre qual dos dois era o melhor: Friedenreich ou Feitico.

– Deixa eu carregar agora, Josefina?

– Puxa, que fiteira! Só porque a gente está chegando na Avenida Angélica. Que mania de se mostrar que você tem!

O grilo fez continência. Automóveis disparavam para o corso com mulheres de pernas cruzadas mostrando tudo. Chapéus cumprimentavam dos ônibus, dos bondes. Sinais-de-santa-cruz, Gente parada.

Na Praça Buenos Aires, Tibúrcio já havia arranjado três votos para as próximas eleições municipais.

– Mamãe! Mamãe! Venha ver um enterro, mamãe!

Aida voltou com a chave do caixão presa num lacinho de fita. Encontrou Dona Nunzia sentada na beira da cama olhando o retrato que a *Gazeta* publicara. Sozinha. Chorando.

– Que linda que era ela!

– Não vale a pena pensar mais nisso, Dona Nunzia...

O pai tinha ido conversar com o advogado.



Largo do Brás, 1903 (atual Largo da Misericórdia), a 3 travessas da Rua Miller, que cruza a Rua Oriente.

Estavam esperando o bonde e fazia muito calor. Veio um bonde, mas tão cheio, com tanta gente pendurada nos estribos que ela apenas deu um passo à frente, ele esboçou com o braço o gesto de quem vai pegar um balaústre – e desistiram.

O homem da carrocinha de pão obrigou-os a recuar para perto do meio-fio; depois o negrinho da lavanderia passou com a bicicleta tão junto que um vestido esvoaçante bateu na cara do rapaz.

Ela se queixou de dor de cabeça; ele sentia uma dor de dente enjoada e insistente – preferiu não dizer nada. Ano e meio casados, tanta aventura sonhada, e estavam tão mal naquele quarto de pensão do Catete, muito barulhento: “Lutaremos contra tudo” – havia dito – e ele pensou com amargor que estavam lutando apenas contra as baratas, as horríveis baratas do velho sobradão. Ela com um gesto de susto e